



## A VOZ DO DERROTADO

### O centenário da Revolta do Xandoca, que levou a capital do Estado para Colatina

Algunas pesquisas históricas procuram dar voz aos derrotados. Este foi o propósito do trabalho que fizemos em 2006 sobre os acontecimentos que se sucederam na disputa eleitoral para a presidência do Espírito Santo em 1916. O que predominou até este centenário foi a versão dos vencedores, prosaica e por isto mesmo levada à irrelevância historiográfica. A nova versão já passou da hora de virar um livro, pretendido para breve.

O que emergiu da revista à sucessão estadual de 1916, no entanto, lança algumas luzes sobre importantes questões daquele período da República Velha e dos seus protagonistas, os coronéis. Alexandre Calmon, o coronel Xandoca, que levou a capital capixaba para Colatina durante 33 dias (26 de maio a 29 de junho) daquele ano, não era um tresloucado que a versão vitoriosa tentou fazer crer. Ele foi professor, promotor público, comerciante e vice-presidente estadual, tendo assumido interinamente o governo em duas ocasiões. A opção por levar a capital para o interior foi tática, seguiu um plano objetivando a intervenção federal no Espírito Santo, por causa da fraude ocorrida na eleição de março daquele ano. Proclamado o resultado eleitoral com dois presidentes e duas assembleias legislativas eleitas em duplicatas, as forças políticas foram às armas. De um lado estava a Polícia Militar sob às ordens do presidente Marcondes de Souza (1912-1916), que apoiava Bernardino Monteiro como seu sucessor; do outro, jagunços de importantes coronéis, com o apoio discreto de forças federais – já que a oposição contava com o estímulo do presidente da república, Wenceslau Brás.

Ao final, a disputa política de 1916 acabou por con-

solidar definitivamente a oligarquia Souza Monteiro no poder, do qual só seria apeada na Revolução de 1930. O embate, além de liquidar o que havia de oposição à oligarquia monteirista, assinala também o fim da liderança de Moniz Freire, que se estabelecera desde a proclamação da república, tendo governado o estado por duas vezes (1892-1896 e 1900-1904). Do episódio da Revolta de Xandoca em diante, as disputas políticas no Espírito Santo passaram a se dar apenas no interior de uma mesma oligarquia familiar, com os irmãos Jerônimo e Bernardino em lados opostos buscando voltar à presi-

dência sem sucesso até o fim da 1ª República.

Mas o mais importante em todo trabalho foi revelar como as lutas oligárquicas no nosso estado estavam condicionadas às disputas dos grupos da política mineira. Na conhecida república do Café (São Paulo) com Leite (Minas Gerais), os Estados periféricos só acessavam o núcleo do poder através de uma das duas federações, que se re-

vezavam no comando federal. No Espírito Santo a oligarquia liderada por Jerônimo e Bernardino Monteiro estava ligada à facção mineira chefiada pelo poderoso coronel Francisco Sales, presidente do Partido Republicano Mineiro (PRM), ex-presidente estadual daquele Estado e ex-ministro da Fazenda do presidente Hermes da Fonseca (1910-1914). A oposição capixaba contava com

o apoio aberto da outra facção mineira, a ligada ao presidente Wenceslau Brás – adversário de Sales nas disputas no Estado vizinho.

Outro dado não menos importante da pesquisa dá conta de que as forças situacionistas e oposicionistas não se decantavam por regiões no Espírito Santo – elas estavam estabelecidas em todos os municípios. A Revolta de Xandoca se deu em toda parte, tanto na disputa eleitoral como nos enfrentamentos armados. Se a situação tinha sua força assentada nas estruturas estaduais, a oposição contava com o suporte federal, como oficiais da capitania dos portos, correios e até da estrada de ferro Vitória-Diamantina, daí a opção por deslocar as forças principais para a vila de Colatina, então sede do enorme município de Linhares.

Em Colatina, durante mais de um mês, ficou instalado o poder Legislativo estadual e o próprio governo, presidido pelo ex-deputado cachoeirense José Gomes Pinheiro Junior, médico que tinha como vice Alexandre Calmon. Era um governo empossado em maio daquele ano no hotel Internacional, no centro de Vitória, com a presença de jornalistas de todo país. A outra duplicata do governo e do legislativo ficara em Vitória, protegida pelas forças da Polícia Militar. O que ficou conhecido na imprensa na-

cional como “Caso do Espírito Santo” só seria resolvido em agosto, quando a Comissão de Verificação de Poderes, na capital federal (Rio de Janeiro), votou e, por maioria, deu como vencedora da eleição a facção monteirista.

Todos os grandes nomes da política brasileira, como Rui Barbosa, Adolfo Gordo, Prudente de Moraes Filho, Epitácio Pessoa e outros, debateram e opinaram no Congresso Nacional. O desfecho em favor da oligarquia de Jerônimo Monteiro decorreu de uma manobra política feita pelo então líder da maior bancada no congresso, Antônio Carlos de Andrada. É que ele tinha pretensões de governar Minas e por isto cedera ao comando do chefe do PRM, Francisco Sales. O presidente Wenceslau Brás seria assim vencido, mas ajustou com o Congresso Nacional um decreto de anistia aos vencidos do Espírito Santo para evitar perseguições. A pesquisa resgata figuras obscurecidas até agora na historiografia capixaba, tais como lendários coronéis, Martinho Barbosa, Seraphim Tibúrcio e mesmo o virtual fundador de Colatina, Alexandre Calmon, o coronel Xandoca.

Quase totalidade da documentação primária que permitiu a pesquisa histórica está nos anais do Congresso Nacional, francamente acessíveis agora com a internet. São mais de mil páginas com pronunciamentos e cópias de telegramas daqui enviados pelos revoltosos às autoridades federais. Como os correios foram franqueados pelo governo federal para ajudar a oposição, foi possível que a Revolta de Xandoca pudesse ter sua narrativa construída no dia a dia dos acontecimentos.



**João Moraes** é jornalista, cineasta, produtor e escritor

